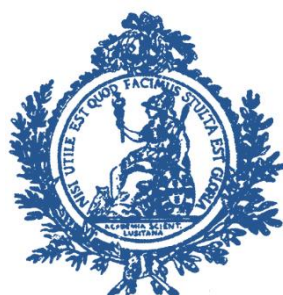


Raul Miguel Rosado Fernandes

**UMA HELENISTA NO MUNDO LITERÁRIO
PORTUGUÊS E SEU SIGNIFICADO: *MARIA
HELENA DA ROCHA PEREIRA***



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

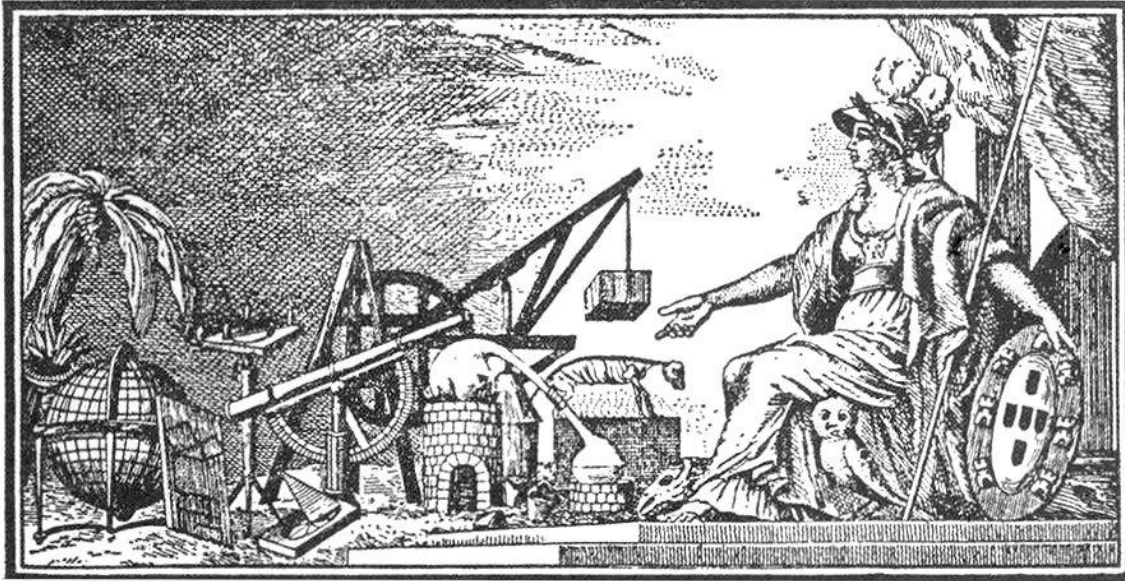
Raul Miguel Rosado Fernandes

UMA HELENISTA NO MUNDO LITERÁRIO
PORTUGUÊS E SEU SIGNIFICADO: *MARIA
HELENA DA ROCHA PEREIRA*



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS



UMA HELENISTA NO MUNDO LITERÁRIO PORTUGUÊS E SEU SIGNIFICADO: *MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA*

RAUL MIGUEL ROSADO FERNANDES

Vou tentar exprimir o melhor que souber a grande satisfação e honra que senti, pela tarefa que me foi confiada por Adriano Moreira, Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, destinada a tratar da personalidade e obra de Maria Helena da Rocha Pereira, e do seu aparecimento nas letras e erudição nacionais, bem antes do poder feminino ter ganho e com toda a justiça direitos de cidade no meio lusitano.

Nomes como os de Públia Hortense de Castro, no século XVI, Maria Amália Vaz de Carvalho, nos princípios do século XX, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de Virgínia Rau, de Maria de Lourdes Belchior Pontes, de Maria de Sousa, investigadora de renome internacional no campo da imunologia, e os de muitas outras, são nomes de mulheres que evocam, inteligência, saber e

respeito. Outras poderiam de facto ser mencionadas hoje em dia, mas somente há algumas décadas, e não muitas, porque a resistência misógina e patriarcal era muita, mesmo com a boa vontade estatística de o poder desmentir por parte de um filólogo, como eu.

Comecei na Faculdade de Letras um curso de Clássicas em 1951 e já me chegavam aos ouvidos o nome da Doutora Rocha Pereira, que era do Porto, o seu curso brilhante em Coimbra, depois de estudos secundários na Escola Alemã da sua cidade natal, que lhe deram o indispensável domínio das línguas germânica e saxónica, e finalmente a sua ida para Oxford, num pós-guerra, em que a universidade inglesa estava pejada dos grandes nomes das letras clássicas, uns fugidos da Alemanha nazi, como Edward Fränkel e o católico Rudolf Pfeiffer, outros da “perfidious Albion”, mas nascido na China, como Maurice Bowra, ou na Escócia como John Beazley, o dos vasos gregos, outro vindo da Irlanda, parcialmente libertada, havia bem poucas décadas, do jugo britânico, E.R Dodds, um dos maiores helenistas que conheço, e tantos outros.

Era, além disso, uma época em que os GREATS, os Clássicos greco-latinos, eram obrigatórios para qualquer curso, o que não tinha impedido a Inglaterra de ter estado à frente de todos os países civilizados, quando da revolução industrial nos séculos XVIII e XIX. Aprendiam-se os GREATS, porque eram considerados, com razões óbvias, como os fundamentos civilizacionais do Ocidente, e Winston Churchill a eles deveu muito do génio político e oratório, que o levou a ficar entre os vencedores da última Grande Guerra. E se eram esses os alicerces da nossa civilização, ainda hoje o continuam a ser, em nada perturbando, antes pelo contrário, o actual *HOMO TECHNOLOGICUS*, habitualmente, mas não necessariamente, mais limitado na sua visão do universo e do Homem, sentindo-se por vezes que pensa, sem motivo óbvio, que é o ser humano que está submetido à tecnologia que ele próprio inventou, quando se trata exactamente do contrário.

Ora nem a tecnologia impede de compreender as Humanidades, nem estas de dominar qualquer tecnologia, seja ela terrestre, espacial, ou marítima. Só se as duas se completarem, será possível chegar à compreensão dos Mundos e dentro destes, do mundo mais limitado do Homem, limitado sim, mas que é o nosso.

Licenciado em 1956, 2º Assistente logo a seguir, recusando a possibilidade de estudar Árabe com Garcia Gómez em Madrid, comecei a ensinar o então Grego Elementar, obrigatório para os da minha geração que não tinham tido Grego no Liceu. Entrei então no mundo helénico-romano com a paixão curiosa dos novatos, e fui por vontade minha uma das primeiras vítimas da obra de Maria Helena da Rocha Pereira. A história é simples: tinha saído em 1959 a sua *Hélade*,

colectânea de textos gregos traduzidos em Português, fundamentais para a compreensão da Grécia, da antiguidade e do Pensamento ocidental. Só anos depois sairá a colectânea *Romana*, concebida da mesma forma, para o conhecimento da cultura da República e do Império romanos.

Entusiasmado com a *Hélade*, rodeado e cerceado pelos meus 25 anos, escrevi, sem consultar a autoridade censória, uma recensão em que saudava, no meio de algumas observações críticas, a novidade ainda fresca da tipografia coimbrã, que ia permitir ao Português, depois de tantos séculos de ignorância, de lacunas e visões diminutas da língua helénica e da *Hélade*, ter, na sua língua, acesso fácil a muitos textos poéticos, históricos, institucionais e filosóficos legados pela antiguidade grega.

Mas o “Pai dos deuses e dos homens”, não o quis, e lobrigou *hýbris* na modesta, mas entusiástica recensão, e esta foi proibida de ser publicada na *Revista* da minha Faculdade de Letras, o que não evitou uma reprimenda, que envergonharia qualquer universitário sem idade suficiente para enfrentar a malvadez dos velhos eruditos. É que nessa altura Coimbra e Lisboa não se amavam, sem que nunca tivesse havido qualquer catástrofe destrutiva, que não fosse a imaginada por *superegos* fechados entre quatro paredes.

Em 1962, marcado o meu doutoramento no meio da azáfama das greves estudantis, competia a Maria Helena da Rocha Pereira interrogar-me na prova de Grego. Com os pontos já marcados, com os livros agrupados em minha casa em pequenos montes correspondentes a cada questão, com tudo já preparado, tinha eu ido prudentemente ao Porto, para ser esclarecido sobre os aspectos técnicos das perguntas que me estavam destinadas. Recebeu-me a minha futura examinadora com a correcção e urbanidade que sempre a caracterizaram, esclareceu-me sobre o que julgou necessário, e, passados dois meses, e era a data das provas, eis que me chega a notícia de que a minha arguente tinha de ir com o Pai, o Prof. Rocha Pereira da Faculdade de Medicina do Porto, para a Suécia, onde seria submetido a uma intervenção devido a doença muito grave que o afligia. Não pôde assim infelizmente fazer parte do meu júri, o que me levantou problemas que só resolvi por conhecer a técnica sofisticada de encontrar conjuras onde elas não existiam, ou ameaças imaginárias justificadas por ódios não declarados senão em momentos de sincero desabafo. E a prova realizou-se para meu descanso e progressão na carreira, apesar de serem trocados os arguentes conforme a origem maldita ou não dos pontos.

Já nessa altura tinha Maria Helena da Rocha Pereira publicado estudos sobre a intertextualidade em obras de várias épocas da literatura portuguesa

relativamente aos autores clássicos da Grécia e de Roma, tarefa que depois continuará ininterruptamente, bem como já saíra a lume a sua tese de doutoramento sobre as *Concepções Helénicas da Felicidade no Além, de Homero a Platão*, que seguidamente a Autora dará a conhecer ao mundo erudito europeu numa versão alemã. O mesmo fará para estudos seus sobre Anacreonte e Píndaro e até, já fora da sua área mais habitual, sobre Pedro Hispano, o Papa João XXI, e autor do *Liber de Conservanda Sanitate*, que publicará com o conjunto das suas obras médicas em 1973, de que se ocupará em 1977 nas *Actas* desta nossa Academia.

Entretanto as antologias *Hélade* e *Romana*, publicada a segunda, pela primeira vez, em 1976, aumentadas, mais especificamente, em 1980, com uma terceira, intitulada de *Poesia Grega Arcaica. Antologia* (com texto grego), completam-se com os dois Estudos imprescindíveis para o conhecimento da Antiguidade Clássica e das suas literaturas, e do pensamento político e filosófico dos seus autores. São os *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol.I - *Cultura Grega*, em 1965, com várias edições até hoje, e vol.II - *Cultura Romana*, em 1984, também com várias edições, o que demonstra que são lidas, não só por estudantes de Cultura Clássica, e nos dão a esperança de que muitos dos nossos concidadãos não se submetem a serem exemplos vivos do “estúpido tecnológico” ou do “humanista cercado por quatro paredes”, limitações que se evitam pelo conhecimento e prática das ciências humanas e tecnológicas simultaneamente, ou vice-versa.

Não nos devemos esquecer de que nas alturas indefinidas da história do mundo não é fácil descobrir com clareza qual o caminho a seguir, e que numa crise, como a que o mundo atravessa, é fácil dar-mo-nos conta, porque desconfiados e sem certezas absolutas, do que nos transmite com alguma maldade Boileau na sua *Art Poétique*: “un sot a toujours un plus sot qui l'admire.”, o que temos visto constantemente, quando damos conta da estratégia de um general que, a respeito do Kosovo, afirma que é possível fazer uma guerra sem baixas, tendo depois como resultado vermos bombardeamentos aéreos, feitos a tal altura, que os projecteis em vez de atingirem tanques reais de combate, acertaram em tanques construídos de esferovite.

Que diriam Temístocles ou Pausânias, que diriam Cipião Africano ou Aníbal? Não sei, nem me atrevo a responder, só sei que não é a tecnologia que dá inteligência, mas sim a inteligência que manobra a tecnologia e dela aproveita. O pensamento do pré-socrático Protágoras ainda é válido de momento: “O homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto existem, e das que não são, enquanto não existem.” A tradução foi feita evidentemente pela académica Rocha Pereira (*Hélade*, 8ªEd.,p.289)

É a natureza humana e a sua limitação, e é também por isso que só podemos estar mais tranquilos, quando, ao ler os trabalhos de Maria Helena da Rocha Pereira, verificamos que já há 3.000 anos, acontecia o mesmo, que hoje sucede, porque o progresso técnico na Humanidade, não modificou a natureza do Homem, que continua o mesmo sem alteração, excepto por actuar nas instituições que altera e nos hábitos que muda. Mas ontologicamente é sempre o mesmo, *homo homini lupus*, se não aprender certos valores que já na Antiguidade Clássica eram mais do que conhecidos.

Em vez de nos causarem fúria, tais provas só podem provocar alguma (não muita) da nossa tranquilidade, porque nem por isso deixamos de dispor de submarinos atómicos, de automóveis Toyota (sejamos modestos!), apesar das avarias de milhões de veículos que têm, de ser reparados, e que profetizam a actual decadência da terra dos Shoguns, nem por enquanto nos falta um avião que nos leve a Nova Iorque. O ser humano, contudo, continua a agir como sempre, seguindo o Bem, ou subjugado pelo Mal, sendo sobejamente conhecido pelos escritos em verso ou em prosa da Antiguidade Clássica cujos preceitos éticos tanta influência, até por via indirecta, sobre ele exercera.

A nossa homenageada não se contentou, porém, com tão pouco. Pisou todos os terrenos que se abriam à sua frente, fossem helénicos, portugueses ou europeus.

Em 1955-56 dá-nos na revista *Humanitas* notícias sobre os vasos gregos existentes em Portugal, e lembrada do que aprendera com Beazley, desbrava um caminho nunca percorrido por nenhum classicista português. Publica em inglês mais trabalhos sobre o mesmo assunto em Coimbra, 1962, e em Lugdunum Batavorum, ou seja em Leiden, Holanda, em 1967, de novo em Coimbra, 1975-76 (Vasos do Sul da Itália, ou seja, da Magna Grécia, existentes em Lisboa), a que acrescentará notas sobre “Três Vasos com Figuras Vermelhas em Lisboa”, publicadas em Atenas e em inglês no ano 2000.

Mais percursos fez, tanto com textos portugueses latinos medievais ou mais modernos, como ocupando-se com especial conhecimento de temas da literatura grega, pois concentrou esforços muito especialmente na tradução integral de tragédias gregas de Eurípides (*Medeia*, *Bacantes*, *As Troianas*), e de Sófocles (*Antígona*) e na sua tradução da *República* de Platão, que pela primeira vez é vertida do original grego, para leitura de filósofos, teólogos e naturalmente, ou pelo menos assim deveria ser, de políticos menos ignorantes. A sua paixão pela Grécia não é porém nem cega nem devota, pois lemos o que confessa, na colectânea dedicada a Óscar Lopes, depois de um exame aos inúmeros e contraditórios trabalhos sobre a *questão homérica e poesia oral*,--

alguns sugeridos pela notável imaginação antropológica de Milman Parry, --: "Até que ponto o facto (da oralidade ou não, pelo facto de existirem exemplos da escrita grega desde muito cedo) virá a verificar-se e, sobretudo, em que medida poderia ser benéfico para a Humanidade, é, como disse o Sócrates platónico ao terminar a sua defesa, "obscuro para todos, excepto para a divindade." Chamo a esta opinião, uma atitude da mais profunda *Sabedoria*. Foi essa mesma *sophrosýne*, com que me brindou e comoveu, no *prefácio*, que nunca agradecerei convenientemente, que apresentou o conjunto de trabalhos académicos, que intitulei *Em Busca das Raízes do Ocidente*.

É evidente contudo que um amor deste género pela Grécia tinha de ser consagrado, percorrendo a terra amada numa peregrinação. Vemo-la, para atingir esse fim, dedicar-se à edição do texto grego da clássica obra de Pausânias, que será publicada pela grande casa editora Teubner, de Leipzig, entre 1973 e 1981, já com uma segunda edição. Trata-se de uma *Descrição da Hélade, Descriptio Graeciae*, na versão latina. *Periégesis tês Helládos*, é o título grego, que eu me sentiria tentado a traduzir, influenciado pelo que hoje podemos chamar turismo científico, palavra essa importada de França (Eça de Queiroz ainda se refere ao *touriste*) e que até pode ser "erudito", como *Roteiro da Grécia*, que foi a forma de abranger e dominar, as suas terras de eleição, os rios, as montanhas, as cidades, as ilhas, os estádios, os templos, as estátuas dos deuses e os seus relatos teológicos, e um sem fim de lugares, essencialmente na Grécia continental, no seu interior, no seu litoral, e ocasionalmente nas ilhas do Egeu, ou na costa da Jónia, hoje actual Turquia, em digressões a propósito das terras do continente, umas vistas e outras certamente lidas nos trabalhos da sua época. É um trabalho para especialistas, mas deixa a sua marca imprescindível para a posteridade.

Tinha eu 17 anos quando ouvi pela primeira vez nomear a *Periégesis* nas esplêndidas aulas de Arqueologia Clássica, professadas pelo arqueólogo e epigrafista Romeno, Scarlat Lambrino, meu Amigo, meu Mestre e Professor, director das escavações de Hístria, nas colónias Gregas do seu país, na zona da Drobudja, junto do Mar Negro, exilado da pátria e tratado com pouco carinho em Portugal. Presto-lhe homenagem nesta ocasião em que fazemos justiça a uma grande Portuguesa. Nunca os poderei esquecer.

Dirá agora qualquer curioso tecnológico: que interesse tem, lermos textos tão antigos que nada têm a ver com a modernidade (termo muito em uso no sector da paranóia tecnológica da vaidade exibicionista)?

-Tudo! - Responderei eu, em defesa da nossa homenageada. -Não vê que o Homem, "animal político", nas palavras de Aristóteles, isto é, "animal que vive

em sociedade”, na pólis, se a não tiver organizado em instituições, que garantam a liberdade e a responsabilidade de cada um, será presa do mais forte, do mais poderoso, e do atraso natural de quem não estuda nem lê, e muito menos escreve? Leia o texto quase canónico do *Panatenaico* de Isócrates, inserido na *Hélade*, e verá que sem liberdade, sem Justiça e sem responsabilidade não há a mínima hipótese de termos uma sociedade minimamente justa e moderna. De máquinas poderá dispor, mas de Justiça e Cultura certamente que não! Disporá sim de imunidade perante o crime!

- No meio da crise mundial e da falta de estruturas nacionais, que nos avança conhecer os antigos? Perguntará o mesmo “curioso impertinente”, como o do *Quijote* de Cervantes.

- Avança sim, é a minha resposta, porque grande parte da crise provém do facto de que muitos governantes, banqueiros, industriais, professores, juristas dos grandes gabinetes e gente importante, nunca leram, e se as leram não as quiseram aceitar, as máximas que estavam gravadas em pedra no santuário de Delfos e que repetiam as que nos são transmitidas num passo, inserido na *Hélade*, do diálogo *Cármides* de Platão. São sucintas as sentenças e duas delas seriam o bastante para que a face do mundo mudasse: dizem-nos, com enorme simplicidade, uma delas: “medèn ágan”, o que quer dizer, “nada em excesso”; e a outra “gnôthi seautón”, ou seja “conhece-te a ti mesmo”. Se o Ser Humano obedecesse aos conselhos destas curtas mensagens, será que não veríamos diminuir o exibicionismo, o narcisismo, a vaidade cretina, o abuso do poder e finalmente a guerra de personalidades, que levam muitíssimas vezes à luta armada e ao imperialismo? Veríamos, não é verdade?

Se não é verdade, por que então se fala tanto, mesmo nos jornais mais especializados e mais lidos de todo o nosso mundo, de *greed*, “ganância”, como estando na raiz da crise financeira, por que estamos a passar com a ruína de tanta gente? Já há 3.500 anos tal se sabia, e o romano Virgílio aponta, ao realçar a obra política e imperial de Augusto, para a “maldita fome do ouro”, *auri sacra fames*. A verdade é que nada do que é humano mudou, porque o homem continua o mesmo, sem se dar conta disso, com a enorme vantagem de dispor de aviões supersónicos e de outros que vigiam a terra, sem disporem de tripulação, e de submarinos atómicos e da bomba atómica, e aí por diante.

No entanto lemos todos os dias que ao lado dos actos da pirataria renovada na Somália, em pleno século XXI, tal como outrora nas ilhas do Mar Egeu, e de ataques suicidas da *jihad* islâmica, mesmo assim a empresa japonesa *Sharp* inventou células solares que permitem, pela sua maior eficácia, que se movam

satélites no espaço, e que possam andar a alta velocidade automóveis que podem ser nossos, libertando o Homem da escravatura do petróleo, fonte de tanta especulação, corrupção e guerras. Mas bastará esse progresso técnico para que a seu lado cresça o Progresso Moral?

De que servem os Clássicos, quando sentimos a tal *jihad* islâmica à nossa volta, e trocámos a luta contra os “infiéis”, para termos agora assumido o seu lugar e sermos, passados tantos séculos, o alvo dos que então perseguíamos pela guerra ou pelo auto-de-fé?

Maria Helena da Rocha Pereira sabe de tudo isso, conhece a Antiguidade, a Humanidade e a Modernidade, e por isso, além do que fez como obra de grande saber, dedicou-se a outra, à que não vem exarada em livros eruditos e que a dignificará para sempre e consagrará a sua memória.

Formou uma Escola, entusiasmou gente nova para seguir os seus estudos e continuar no exame científico e publicação do que tinha iniciado e aprendido com os grandes Mestres. E essa gente nova, esses homens e mulheres, que eu conheço e admiro, têm dignificado os nomes da Universidade de Coimbra, da sua Professora, e por arrastamento, têm animado o espírito de todos os que acreditam que, embora descendentes, na história nacionalista, do lendário e rude Viriato, não somos ontologicamente inferiores aos países mais avançados, somos sim mais atrasados na generalidade por sermos um povo que sempre foi mantido afastado da instrução, umas vezes por falta de vontade dos dirigentes, outras, como no nosso dia a dia nacional, por haver pressa a mais, que olvida o *festina lente* dos Antigos.

Por se ter aberto o caminho da paz, a Universidade Olissiponense e os seus classicistas tentam dar o seu contributo e colaboração, depois que Maria Helena da Rocha Pereira e o Professor Costa Ramalho, aqui também presente em merecida homenagem, e Colegas meus e eu próprio, conseguimos assinar um tratado de amizade e trabalho e acabar com a guerrilha que antes existia. Criaram-se simpatias, trocaram-se impressões, fizeram-se trabalhos em conjunto. Esse é o grande legado que Maria Helena da Rocha Pereira escolheu para nos deixar, juntamente com outros seus colaboradores, entre os quais me incluo. Disso me orgulho.

É pois com muita honra que peço, mesmo no cais de desembarque de um Pireu onírico, porque o vi num sonho que tive, aos *polítai kaí archóntes tòn Athenaíon Démou*, que confirmam a esta grande Mulher, que lá desembarcou há anos, a *proxenia*, o estatuto de cidadã honorária, pois merece-o, porque tem um amor e uma sensibilidade atenienses, embora, e é esse o ponto que, quando em

assembleia votarem, devem, mesmo com alguma relutância, não levar em conta, mas antes valorizar: tem, repito, ao mesmo tempo, uma vontade e uma disciplina lacedemónicas ou espartanas, se preferirem, fusão essa que para todos nós é um exemplo e direi mesmo, motivo de enorme orgulho intelectual e afectivo digno de um Ser Humano para todos os tempos.

(Comunicação apresentada à Classe de Letras
na sessão de 25 de Março de 2010)